

RESISTÊNCIA E REBELDIA: A PERSPECTIVA ZAPATISTA DIANTE DA LUTA GLOBAL CONTRA A HIDRA CAPITALISTA

GALEANO, Subcomandante Insurgente. *Contra a Hidra Capitalista*. Tradução de Camila de Moura. São Paulo: N-1 Edições, 2021. 192 p.

Rodrigo de Moraes Guerra¹

E se o atual estágio do capitalismo não estiver caminhando em direção a um colapso final do sistema, mas, na verdade, estiver se alimentando, cada vez mais, da própria destruição que ele mesmo provoca? E se o atual estágio do capitalismo, na verdade, não estiver enfraquecendo, mas se tornando cada vez mais dominante e violento? E se o sistema capitalista não representar apenas um modelo econômico, vigente no mundo globalizado, mas uma verdadeira guerra mundial, a favor de seu próprio crescimento e contra toda expressão de vida contida no planeta? São essas algumas das provocações suscitadas pelos zapatistas na obra “Contra a Hidra Capitalista” – obra que compõe uma coleção organizada pela n-1 Edições em torno de diferentes aspectos da luta zapatista – e que desafiam o leitor a compreender de maneira profunda as complexidades e transformações do capitalismo, no curso da História.

Trazendo à tona a problemática central do atual estágio do capitalismo enquanto uma guerra mundial, o movimento zapatista, caracterizado por Peter Pál Pelbart (2021) como “uma insurgência que reverteu a mercantilização da existência” (p. 07), nos convida a realizar uma reflexão crítica sobre as origens do capitalismo, para que, assim, através do estudo de sua genealogia, possamos saber como lidar com os desafios que esse sistema impõe à realidade – e principalmente à sobrevivência – nos dias de hoje. O conjunto de textos apresentados na obra, consistem em uma série de discursos realizados pelo Subcomandante Insurgente Galeano², durante

¹ Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Contato: rodrigo.moraes.guerra@gmail.com.

² Em 2 de maio de 2014, José Luis Solís López, professor zapatista no território autônomo Caracol de La Realidad, mais conhecido por Galeano, foi assassinado. No dia 25 de maio, após uma série de homenagens em memória ao maestro Galeano, o Subcomandante Insurgente Marcos,

o Seminario *El Pensamiento Crítico Frente a la Hidra Capitalista*, realizado no ano de 2015, no qual, como o próprio nome do evento ressalta, os zapatistas se propuseram a pensar criticamente o capitalismo, investigando métodos e teorias capazes de aprofundar a compreensão desse sistema e, por conseguinte, originar novas práticas de combate e resistência. Dito isso, o presente trabalho tem como objetivo apresentar parte do pensamento zapatista frente à conjuntura político-econômica-ideológica neoliberal, no contexto do mundo moderno globalizado e os caminhos que os mesmos buscam desenvolver, em uma escala global de resistência – e sobrevivência – anticapitalista.

Tendo a sua aparição pública na madrugada do dia 1 de janeiro de 1994, no estado mexicano de Chiapas, o movimento zapatista, representado naquele momento pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), perpassou por diferentes etapas ao longo dessas mais de duas décadas desde a sua insurgência, fazendo deste um movimento que, hoje, tem na dimensão global uma de suas principais vertentes de suas lutas. Situando-se como um movimento de combate ao colonialismo de longa duração, ou, como os próprios zapatistas manifestam, *a larga noche de los 500 años*, o zapatismo vem se manifestando enquanto um movimento que não almeja propor uma revolução, mas, sim, a criação de uma ampla rede de diálogos e resistências que ensejem um novo mundo, como os mesmos colocam, “um mundo onde caibam muitos mundos”: “*El mundo que queremos es uno donde quepan muchos mundos. La Patria que construimos es una donde quepan todos los pueblos y sus lenguas, que todos los pasos la caminen, que todos la rían, que la amanezcan todos*” (C.C.R.I. C-G del EZLN, 1996).

Ao analisar a experiência dos zapatistas, Jérôme Baschet nos mostra que as suas lutas constituem em uma grande teia, uma grande rede que tece, sem cessar, “conexões de interconhecimento, cruzando e interpene-trando geografias distantes, constituindo relações de troca e ajuda mútua entre lutas diversas e, entretanto, interdependentes”, constituindo, assim,

principal porta-voz do zapatismo nas etapas iniciais do movimento, anunciou a sua “morte” para dar a vida ao Subcomandante Insurgente Galeano. Ver SUBCOMANDANTE INSURGENTE GALEANO. ENTRE LA LUZ Y LA SOMBRA. México, 2014. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2014/05/25/entre-la-luz-y-la-sombra/>>. Acesso em 17 de jul. de 2023.

uma “rede planetária de lutas, a fim de defender a vida, tão gravemente ameaçada pela loucura de um sistema capitalista cada vez mais destruidor” (BASCHET, 2021, p. 21-22). Compreendendo o caráter global do movimento, podemos situar o zapatismo enquanto uma luta que abarca demandas plurais associadas à problemáticas históricas centrais mais densas, como a colonialidade do poder (QUIJANO, 2005) e a própria noção de modernidade, e que, hoje, se traduzem no atual estágio do capitalismo: uma guerra mundial contra tudo o que se opõe ao desenvolvimento, ao progresso, do próprio sistema.

No texto inicial da obra, intitulado de “O muro e a fenda – primeira nota sobre o método zapatista”, percebemos dois elementos centrais na práxis zapatista desde a sua insurgência: a *rebeldia* e a *resistência*. Podemos observar que a luta zapatista consiste em uma luta pautada, sumamente, pela resistência “de não se render, de não se vender, de não fraquejar” (GALEANO, 2021, p. 18), e pela rebeldia, abrindo fendas no muro da história: “e se não há fenda, pois bem, fazemos uma – raspando, mordendo, chutando, golpeando com as mãos e a cabeça, com o corpo todo, até causar na história a exata ferida que somos” (p. 28). Neste sentido, a luta dos zapatistas diante da Hidra Capitalista, caracterizada pela Menina Defensa Zapatista como o “capitalismo cabeçudo”, um sistema que “engole tudo, e, quando fica gordo demais, vomita e volta para a comilança” (GALEANO, 2021, p. 36), está alicerçada nestes dois pilares (*resistência* e *rebeldia*) de tal modo que, conforme o próprio sistema capitalista foi se transformando ao longo do tempo, os modos de resistência e rebeldia também o foram. Logo, esta dinâmica revela um outro método muito intrínseco ao movimento, o método do perguntando caminhamos: “O pensamento crítico tem por motor o questionamento. Por que isto e não outra coisa? Por que assim e não de outro modo? Por que aqui e não em outro lugar? Perguntando se caminha, dizemos os zapatistas, as zapatistas” (GALEANO, 2021, p. 49).

Desde o seu levante, na madrugada do dia 1 de janeiro de 1994, os zapatistas demonstraram representar um movimento que parte da realidade concreta para determinar os caminhos de seus próximos passos, de tal forma que o movimento, ao longo dos anos, passou por diversas transformações

e reinvenções, descartando qualquer resolução abstrata, ou *a priori* – o que, inclusive, os fez se posicionarem nos embates ideológicos mais como “rebeldes sociais” do que como “revolucionários”. O método zapatista consiste no de “perguntar e caminhar”, ou seja, não reduzir os objetivos finais de sua luta a um passo a passo já pré-estabelecido, mas a compreender a conjuntura que está associada aos desafios cotidianos e, no próprio cotidiano, nutrir a resistência e a rebeldia que lhes fornecerão as respostas. Se trata de uma experimentação constante, um caminho que se faz caminhando, aliando teoria e prática. Daí a importância da compreensão da luta zapatista em uma escala global e do próprio Seminário que deu origem a esta obra: se o capitalismo vem se desenvolvendo e atacando a humanidade a partir de diferentes frentes (ou cabeças da Hidra), é necessário também um movimento amplo e aberto às diversas contribuições para lidar com este desafio que aflige toda a humanidade. Por isso, defende o Subcomandante Insurgente Galeano:

Pois não se trata aqui de conquistar adeptos para essa ou aquela corrente de análise ou da forma como cada uma se expressa, mas sim de provocar ideias, pensamentos, discussões, debates. O objetivo não é vencer um suposto oponente ideológico, mas responder à pergunta que todas, todos, todas faremos cedo ou tarde: o que vem depois? (GALEANO, 2021, p. 45).

Isto posto, propõe o zapatismo que seja feita uma genealogia do capitalismo para que sejam desenvolvidos novos conceitos e teorias voltadas para o pensamento crítico e propositivo que permitam entender não apenas a multiplicidade das cabeças da Hidra Capitalista, mas também sua persistência, sua transformação contínua e sua capacidade de regeneração (GALEANO, 2021, p. 128). Assim, defende o Subcomandante:

Se pudermos reconstituir a gênese e determinar o modus operandi do criminoso, poderemos prendê-lo e eliminá-lo. Poderemos encontrar uma maneira de derrotar a Hidra se a entendermos, se a conhecermos. E conhecê-la é saber como ela chegou a ser o que é. Em suma: precisamos de um lolau. Precisamos de teorias e conceitos. E precisamos da lógica e da confrontação com a realidade. E, sobre tudo, precisamos do pensamento crítico para manter o nosso conhecimento a respeito da Hidra em constante crise, isto é, em movimento (GALEANO, 2021, p. 134).

Nesta tarefa de investigar qual seria a genealogia da Hidra, surge com bastante ênfase o materialismo histórico proposto por Karl Marx. Apesar das transformações pelas quais o sistema capitalista passou – e continua passando – ao longo da história, o discurso zapatista chama a atenção para as continuidades de alguns dos conceitos fundamentais propostos por essa teoria crítica, como, por exemplo, a ideia contida na obra de Marx acerca da acumulação primitiva do capital, ao se referir sobre a espoliação e violência pela qual os povos originários passam até os dias de hoje. O Subcomandante Galeano destaca que essa empreitada intelectual no campo da teoria política e econômica faz parte de um movimento no sentido da sobrevivência dos povos indígenas e demais minorias no mundo globalizado. Não se trata, portanto, no discurso zapatista, de validar academicamente uma teoria em detrimento de outra, mas de buscar nas teorias desenvolvidas ao longo da história alicerces que sustentem de maneira ainda mais firme a luta cotidiana desses povos. Diz o Subcomandante:

O que nos motiva não é um interesse acadêmico (legítimo, diga-se de passagem). É uma questão de sobrevivência. E não enquanto organização (nossa data de validade não nos tira o sono), mas enquanto povos originários. E mais, embora isso não seja compreendido aqui e agora: enquanto humanidade (GALEANO, 2021, p. 136).

E complementa:

Com esses dados, podemos ensaiar uma análise, e nos daremos conta de que, ao que parece, uma das cabeças da Hidra (talvez a cabeça-mãe?) está se regenerando por meio de um retorno à sua história primitiva: a espoliação violenta. Como se a Hidra dissesse: “Não concluí o trabalho que comecei. Preciso voltar para terminá-lo”. Como se o capitalismo tentasse agora algo que parecia impossível: fazer voltar o relógio da história. Voltar ao ponto em que ele nasceu como sistema, “escorrendo sangue e lama” (GALEANO, 2021, p. 139).

Nesta busca de uma compreensão mais aprofundada acerca das complexidades do capitalismo que tem se proliferado no mundo globalizado e ameaçado a existência de povos e culturas que confrontam a sua lógica, o discurso zapatista identifica o processo atrelado à modernidade como uma das chaves para o desenvolvimento do sistema: “o nome dado no lado de cima a esse processo de espoliação é PROGRESSO, e é um dos sinônimos

da modernidade" (GALEANO, 2021, p. 148). Nesta busca incessante pelo progresso, pelo desenvolvimento, apontam os zapatistas que não serão apenas os povos indígenas e a natureza que irão sofrer com as consequências do avanço da Hidra, mas toda a humanidade, classificando, portanto, o atual estágio do capitalismo como uma guerra mundial:

A tormenta já ameaça a cidade e o campo. Não é algo nacional, dizem. Em diferentes pontos do planeta encontramos os mesmos sintomas. O zapatismo "captura", como se diz, acho, a essência e sentencia: uma guerra, uma guerra mundial, uma guerra cujo único inimigo é a humanidade (GALEANO, 2021, p. 150).

Assim, chegamos ao último eixo temático da obra que é intitulada justamente como "UMA GUERRA MUNDIAL". Neste ponto, a ênfase do discurso zapatista é a de que o capitalismo e a guerra estão em uma relação umbilical de produto e produtor – e vice-versa –, logo, constituindo uma "destruição propositiva" (GALEANO, 2021, p. 159) e um "caos administrado para depois reordenar" (GALEANO, 2021, p. 161). Chegando à conclusão nefrágica de que o desenvolvimento da Hidra Capitalista não está somente atrelado à destruição do homem e da natureza, mas que reside exatamente neste aspecto o seu próprio desenvolvimento. Outrossim, resgatando, então, a história do capitalismo a partir da sua genealogia, se chegaria a uma linha de tensão principal: a guerra. E da mesma maneira como, ao longo do processo histórico, o capitalismo se nutriu a partir da guerra fomentada por ele próprio, hoje permanece esta lógica de destruição e reconstrução, articulada pelo próprio sistema, e ainda mais complexa e desafiadora, a partir do momento em que a Hidra tem multiplicado suas cabeças, ou seja, seus pontos de alcance na vida social. Citando mais uma vez o Subcomandante Insurgente Galeano: "O tempo todo e em todos os lugares o sistema destrói e mata. Não é que a sua existência provoque guerras: ele existe por meio da guerra. [...] desordenar para reordenar. Sim, o capitalismo provoca o caos e dele se nutre" (GALEANO, 2021, p. 168).

Neste ponto, podemos salientar que a interpretação do atual estágio do capitalismo enquanto uma guerra mundial, proposta pelos zapatistas, encontra diálogos possíveis também em outras análises sociais, em relação

ao mundo globalizado. O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos comprehende o atual modelo capitalista como um *capitalismo abissal*, ou seja, como “a forma mais violenta do capitalismo”, como “aquele que revela de maneira mais explícita a sua natureza original” e que “se consolida reconfigurando o colonialismo e o patriarcado para os pôr ao seu serviço”, promovendo a separação abissal entre a humanidade e a sub-humanidade transformada em população descartável, corpos racializados e sexualizados para mortificação e ocasião de lucro (SANTOS, 2021, p. 81). Neste mesmo sentido, Jérôme Baschet situa o atual estágio do capitalismo como uma guerra, ao perceber que a lógica totalizante da economia se é estendida a todos os aspectos da vida como uma das principais características do capitalismo neoliberal, de tal modo que esse sistema implica a destruição de qualquer expressão de vida que não se adeque a ele, logo, compreendendo uma guerra mundial, na qual os inimigos são qualquer cultura que não contribua para o crescimento descontrolado do próprio sistema (BASCHET, 2021, p. 210). Desta forma, ao conceituar o atual estágio do capitalismo como a *Hidra Capitalista*, os zapatistas propõem uma interpretação crítica que comprehende uma diversa gama de problemáticas históricas associadas aos desafios a serem superados na busca de um outro mundo possível: o colonialismo de longa duração, a dissociação entre homem e natureza na concepção da modernidade, o tempo histórico linear e direcionado ao irrefreável progresso, as monoculturas e supressões de epistemologias outras que não estejam associadas ao eixo europeu-ocidental etc.

Essas diferentes cabeças da Hidra requerem, portanto, diferentes abordagens. Um dos caminhos propostos pelos zapatistas seria a genealogia do capitalismo, como já dito anteriormente, a fim de identificar mecanismos que se adaptaram à realidade e permanecem gerindo a vida da Hidra e de tudo e todos assolados pelo sistema. Todavia, apesar de reconhecer a importância da genealogia do capitalismo e da identificação de suas bases fundamentais, bem como das análises sociais pautadas pelo materialismo histórico, os zapatistas ao problematizarem a Hidra Capitalista também urgem por novos entendimentos e práticas que sejam capazes de combater este monstro de múltiplas cabeças nos seus diferentes contextos sociais. Se a Hidra

Capitalista se reinventou ao longo do tempo e, não apenas sobreviveu, como aumentou o seu alcance sobre diferentes esferas do convívio no mundo globalizado, as armas de combate à Hidra (e aqui também está inclusa a teoria), também devem surgir a partir dos diferentes contextos, associados à esta realidade, fazendo do exercício cotidiano um exercício propositivo que busca na história e nas análises sociais pistas e caminhos de como seguir daqui para frente, fortalecidos pelo caleidoscópio histórico-cultural que ampliam o leque de possibilidades do combate e resistência. Sintetiza o Subcomandante:

Como zapatistas que somos, pensamos que a tarefa teórica e analítica deve ser um trabalho coletivo. Não só porque muitos olhares compensam o cansaço da sentinela, já que podem perceber coisas que individualmente passam despercebidas. Mas também porque a realidade, sobretudo a realidade social, é muito complexa, e o seu espelho mostra muitas caras. [...] Tanto no conhecimento quanto na luta (mas esse já é outro tema) é mais fácil para a Hidra derrotar e engolir os pensamentos unificados (GALEANO, 2021, p. 181-182).

Em suma, o conjunto de discursos do Subcomandante Insurgente Galeano que compõem a obra aqui apresentada, constitui uma perspectiva do movimento zapatista frente ao capitalismo em escala global. Interpretando este sistema como uma guerra contra a humanidade, como uma Hidra que possui múltiplas cabeças e, assim, amplia o seu poder destrutivo, os zapatistas propõem que a luta contra este sistema que é vasto e diversificado seja, portanto, uma luta vasta e diversificada, recorrendo, também, à teoria e ao pensamento crítico que propulsionem novas atuações práticas na realidade. Ao nos apresentar o atual estágio do capitalismo como uma guerra mundial, um capitalismo abissal, no qual o seu fim se confunde com o fim de tudo que vive neste planeta, identificamos no discurso zapatista um único caminho possível para a superação dessa crise final: a construção de um mundo novo. Um mundo que não continue a reproduzir o colonialismo estrutural que constituiu a modernidade ocidental e que se irradiou mundo afora através da globalização; um mundo que resgate epistemologias ancestrais; um mundo que proponha novos modelos de sociabilidades; um mundo que crie uma nova estética política. Para tanto, a emergência desse mundo novo haverá de surgir de fora dos limites da própria modernidade, ou seja, o que os zapatistas pro-

põem consiste na construção de um mundo novo pautado em diálogos interculturais que promovam uma nova cultura política; uma cultura *transmoderna* (DUSSEL, 2016). Sendo esse, portanto, o grande objetivo que interpretamos que há por trás das iniciativas zapatistas em promover o diálogo com diferentes culturas e teorias críticas da realidade – como, por exemplo, o *Seminario el pensamiento crítico frente a la Hidra Capitalista*, que deu origem a obra aqui resenhada –, assumindo as suas lutas como uma luta global em prol da dignidade: humana e não-humana.

Concluindo, a obra *Contra a Hidra Capitalista* se mostra como uma importante contribuição para o campo da História na medida em que nos apresenta a perspectiva zapatista diante de uma problemática global e que nutre suas raízes em heranças históricas que permeiam as vidas de diferentes minorias, em diferentes lugares do mundo. Ademais, ao proporem a conceituação do sistema capitalista a partir da alegoria da Hidra, os zapatistas nos provocam a expandir, também, nossos olhares e, por conseguinte, nossas análises, possibilitando diálogos diversos com outras áreas das ciências humanas na busca da produção do saber e interpretação crítica da realidade. Em última instância, ao nos convidarem a aguçar este olhar diante da complexidade do capitalismo em seu estágio atual, os zapatistas propõem não somente que se resista bravamente, mas que se derrote a Hidra e, com isso, outro mundo seja possível, um mundo que não reduza o nosso potencial de humanidade, de vida e de criatividade; um mundo que esteja aberto às possibilidades de utopias e que não se conforme com o fim da história, em outras palavras, *um mundo onde caibam muitos mundos*.

REFERÊNCIAS

- BASCHET, Jérôme. *A Experiência Zapatista: rebeldia, resistência, autonomia*. São Paulo: N-1 Edições, 2021. Tradução de: Domingos Nunez.
- Comité Clandestino Revolucionario Indígena – Comandancia General del Ejército Zapatista de Liberación Nacional. *Cuarta Declaración de La Selva Lacandona*. México, 1996. Disponível em: <<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1996/01/01/cuarta-declaracion-de-la-selva-lacandona/>>. Acessado em 17 de jul. de 2023.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 51-73, jan. 2016.

GALEANO, Subcomandante Insurgente. *Contra a Hidra Capitalista*. São Paulo: N-1 Edições, 2021. 192 p. Tradução de: Camila de Moura.

PELBART, Peter Pál. Apresentação. In: GALEANO, Subcomandante Insurgente. *Contra a Hidra Capitalista*. São Paulo: N-1 Edições, 2021. 192 p. Tradução de: Camila de Moura.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In.: LANDER, Edgardo (org.). *A Colonialidade do Saber - Eurocentrismo e Ciências Sociais - Perspectivas Latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O futuro começa agora: da pandemia à utopia*. São Paulo: Boitempo, 2021.

SUBCOMANDANTE INSURGENTE GALEANO. *Entre la Luz y la Sombra*. México, 2014. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2014/05/25/entre-la-luz-y-la-sombra/>>. Acesso em 17 de jul. de 2023.